

Que a psicanálise e a educação têm muito em comum não é uma novidade. Desde o início da constituição de seu campo de estudo e pesquisa, Freud¹ (1937/1975) não deixou de observar sua proximidade com os propósitos dos educadores. Especialmente nos desafios com os quais ambos profissionais se deparam: analisar, assim como educar e governar – postulou ele, em conhecida expressão –, são tarefas que compartilham de uma mesma impossibilidade em seu exercício.

Por que então revisitar um terreno já tantas vezes trilhado por pesquisadores e estudiosos de ambas as partes? Porque, apesar do hábito do diálogo, e talvez, até mesmo por isso, os vícios da retórica têm contribuído para ofuscar aquilo que de mais promissor se pode esperar deste campo de pesquisa. Referimo-nos à tradição crítica que fundamenta e justifica a especificidade discursiva tanto da psicanálise quanto da educação. Daí a necessidade constante de uma re-interpretação da máxima freudiana mencionada acima. Entendemos que, mais que uma leitura dos limites supostos às disciplinas, trata-se de uma aposta: de que os “impossíveis” refiram-se à negação do exercício de uma norma, à adequação a ideais ou à adaptação a modelos.

Nesse contexto, o estudo e a pesquisa em torno da adolescência contemporânea adquirem todo seu sentido. Os adolescentes são, por assim dizer, os portadores do paradoxo cultural que exige simultaneamente a adequação e a inovação. “Seja rebelde, seja original” é um dos imperativos paradoxais com os quais os jovens se defrontam na atualidade. Diante de educadores e psicanalistas, a angústia dos adolescentes confrontados com essa espécie de “missão impossível” toma corpo, convocando ambos a sustentarem um outro lugar discursivo através do qual possam viabilizar a difícil operação psíquica com a qual os jovens estão implicados.

Também por isso, a adolescência tem ocupado o foco de atenção e preocupação por parte de diferentes segmentos sociais. As políticas públicas, as pesquisas acadêmicas e mesmo as diferentes formas de expressão da mídia revelam a preocupação crescente com os caminhos dos jovens deste tempo, especialmente no que se refere às sintomatologias mais presentes na atualidade, entre elas, a delinquência, a violência e a ausência de projetos de futuro.

Procuramos, assim, através desse dossiê, ampliar a discussão acerca da adolescência, reinscrevendo o sujeito debilitado em suas qualidades de protagonista, tanto na esfera social, quanto na esfera política. Partindo da noção de que os sentidos são construídos desde os códigos que cada cultura e cada tempo indicam como lugar de produção do sujeito, os artigos que se-

quem buscam, sobretudo, problematizar as facetas contemporâneas das condições com as quais os adolescentes se encontram no tecido social, a fim de elaborar a operação psíquica que lhes concerne.

Para dar conta dessas discussões, evocamos as finas tramas que tencionam a Psicanálise e a Educação. Não por acaso, esse debate ganha espaço na Revista Estilos da Clínica. Sabemos que as intensas produções nos interstícios da psicanálise e da educação ganham suas mais inventivas versões nesse importante espaço de trabalho e reflexão. Lugar de palavras plenas, como diria Maud Mannoni. Lugar que, ao carregar o significativo estilo em seu nome, destaca o que de mais importante pode decantar de uma transmissão psicanalítica.

O leitor, portanto, irá se encontrar com uma coletânea de textos que tencionam as diferentes discussões levadas a cabo por psicanalistas, psicólogos e sociólogos implicados com as problemáticas contemporâneas da adolescência, presentes tanto na esfera educacional, quanto na esfera clínica e acadêmica. Neles, os autores propõem o diálogo intenso entre os preceitos mais caros à ética da psicanálise e as mais sofisticadas inquietações da educação.

Sabemos que muitas são as angústias decorrentes do desamparo provocado pelas incertezas contemporâneas, porém, importa sublinhar que articular a discussão dos impasses dos jovens, na atualidade, não busca um modo profilaxia, tampouco sucumbe a tão atual intenção de esgotar o mal-estar na cultura deste tempo. Nossa tentativa vai na direção do que Benjamin (citado por Missac, 1998, p. 138)² propôs através do conceito de *dialética em suspensão*: conciliar as diferenças mantendo uma tensão entre elas passível de conduzir à pluralidade e não à síntese.

Desse modo, os artigos que seguem pretendem pensar modos de experiências que sejam potentes para o jovem da atualidade e seus laços. Experiências que possam articular, simultaneamente, o saber e a falta e que suportem a tensão própria que caracteriza a operação adolescente, criando possibilidades que, mesmo na ausência de uma saída derradeira, sejam vias potentes para o sujeito e o Desejo.

Roselene Gurski³

Maria Cristina Poli⁴

Roséli Maria Olabbarriaga Cabistani⁵

1 Freud, S. (1975). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 23, pp. 247-287). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937)

2 Missac, P. (1998). *Passagem de Walter Benjamin*. São Paulo: Iluminuras.

3 Psicanalista, Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), coordenadora da Clínica Maud Mannoni e membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). roselenegurski@terra.com.br

4 Psicanalista, docente e co-coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (LAPPAP /UFRGS) e membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). crispoli@plugin.com.br

5 Psicóloga e psicanalista, docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). roselec@portoweb.com.br